

BACKSTAGE
www.backstage.com.br *produção musical*

*Experiência
e Qualidade Técnica na*

Comunicação do Evangelho

Respaldo bíblico, espiritual e
estratégico para a priorização do som
e da acústica nas igrejas.

Eng. David Distler

Coerência e Qualidade Técnica na Comunicação do Evangelho

Respaldo bíblico, espiritual e estratégico
para a priorização do som e da acústica
nas igrejas.

David Distler

Consultor

Revisão da aplicação de textos bíblicos:
Pr. Edilson B. Nogueira

Índice

Introdução	12
O Meio é a Mensagem	14
Descaso ou Desconhecimento?	16
Definindo Qualidade	21
Como ESTAMOS comunicando?	27
Como DEVEMOS comunicar?	30
Como PODEMOS comunicar?	33
Qualidade, Flexibilidade e Economia resultam de um Projeto	34
Inimigos Não Tão Óbvios de Um Som de Qualidade	36
A área Administrativa	36
Da Equipe Técnica	40
O Nosso Inimigo	42
Conclusão	48
David Distler	50

Introdução

Há uns 2000 anos, Cristo entrou num barco no mar da Galiléia, afastou-o da margem e passou a transmitir à multidão ali reunida, os seus princípios de transformação de vida. Segundo os textos bíblicos, havia ali milhares de pessoas, portanto, perguntaríamos: como foi que Ele, milagres à parte, se fez ouvir?

O fato do Mestre ter se distanciado da multidão e aberto um espaço na água para que sua voz fosse refletida em direção à multidão, que provavelmente estava reunida num nível acima ao da água, nos demonstra como Ele, o filho do Arquiteto desse universo, utilizava as leis da acústica que seu Pai implementara ao criar nosso planeta.

Ainda assim, os números parecem estar incorretos. Uma pessoa falando a alguns milhares, sem reforço técnico, nos parece uma incoerência em nossos dias. Pensemos, porém, no contexto daquele povo. Naqueles dias, fora alguém que morasse ao lado de um artesão que fundia armas e ferramentas, as fontes de poluição sonora mais incômodas provavelmente fossem as carroças ou brigas de patos e galinhas e os sons mais fortes conhecidos seriam os dos trovões e relâmpagos.

A sociedade se modernizou, e com a industrialização, entre os tantos efeitos colaterais do progresso, vieram os ruídos das máquinas ou, mesmo, os sons das fontes de lazer amplificados. Esta convivência com níveis sonoros cada vez mais elevados, numa vida muito mais ruidosa do que foi a de nossos avôs ou seus pais, nos leva a compreender que nossos ouvidos já não devem ser tão sensíveis quanto os dos que viveram na época de Cristo.

Observe-se, por exemplo, como a maioria das crianças de nossos dias tende a gritar ao invés de falar. Hoje os fonoaudiólogos tratam, já em crianças de 5 a 7 anos, problemas oriundos de esforço vocal, antes vistos somente em pastores, professores e locutores! Por quê? Porque imersos em nossa cultura de altos sons e ruídos, elas, em sua busca por atenção, sentem-se obrigadas a se expressarem com maior intensidade para vencerem a competição. E, quando se encontram num grupo, este processo dá início a um ciclo vicioso.

Além do impacto que a poluição sonora exerce em nosso sistema auditivo, nos acostumamos com a conveniência de ouvir rádios, TVs e fontes de reprodução musical amplificadas ao nível que gostamos. A consequência de ouvirmos estes programas sonoros elevados e reproduzidos com qualidade, foi entendermos que estes equipamentos valorizariam, também, nossos cultos, facilitando e trazendo maior qualidade à transmissão da mensagem e à música. Assim, com o passar do tempo, foi se constatando a utilidade que os equipamentos e sua tecnologia ofereciam e esses foram lentamente sendo incorporados ao culto cristão.

Houveram igrejas que não assimilaram essa tecnologia, achando que fosse desnecessária e algumas que assumiram uma postura extrema achando que, conforme pronunciado por um diácono, “Existe um demônio em cada microfone”. Houve casos de pastores de igrejas relativamente pequenas, que não aderiram, inicialmente, a este progresso, mas que acabaram tendo que ceder devido ao desgaste das suas cordas vocais ao longo do tempo.

Portanto, entendo que existe um espaço dentro do qual os sistemas de amplificação sonora, bem administrados e operados, têm um efeito positivo dentro do culto.

O Meio é a Mensagem

Vale aqui introduzirmos um conceito proposto por um dos grandes pensadores da área de comunicação, Marshall McLuhan, que afirmou que:

“O meio é a mensagem”.

Expandindo este conceito para melhor compreensão eu diria: **“O meio** se torna ou, pelo menos, caracteriza **a mensagem”**.

Por estarmos considerando a transmissão técnica do Evangelho, cuja aceitação impacta o destino eterno das pessoas, obviamente não posso dizer que o conceito de McLuhan se aplique diretamente à mensagem do Evangelho, pois, por mais aprimorados que possam ser o projeto e a qualidade dos equipamentos, eles nunca conseguirão se equivar ao poder de transformação contido na mensagem divina de salvação.

O que não podemos desconsiderar, porém, é a importância do conceito do McLuhan no sentido de que, devido à sua validade nas demais áreas de comunicação do nosso dia-a-dia, a nossa cultura tenderá a associar a qualidade com que veiculamos a mensagem do Evangelho, com a importância que atribuímos à mesma, portanto, com a sua credibilidade!

Exemplifico: Ao caminhar pela calçada alguém lhe coloca nas mãos um pedacinho de papel de uns 5 cm², no qual se vê em uma fotocópia de má qualidade as palavras:

“Fique rico em 30 dias”... e o resto, em letras menores, é quase ilegível.

Se no instante em que você lesse este material, alguém lhe abordasse perguntando: “Você acredita nisto?” Questões filosóficas e metodológicas à parte, a sua tendência seria provavelmente responder: “De jeito nenhum!”

O que lhe teria transmitido tal impressão sem que você tivesse sequer avaliado o programa?

- O **meio** pelo qual se buscou difundir o tal método.

Incluo, neste sentido, outra ilustração que, originalmente me impressionou quanto à importância de levarmos a mensagem do Evangelho aos que não conhecem a Cristo.

Certa noite de chuva e neblina um motorista conduzia sua família de volta à sua cidade por uma estrada que passava por um presídio e logo a seguir cruzava uma ponte sobre um braço de mar. Pouco após passar o presídio, o coração do motorista acelerou, pois entre a neblina percebia o vulto de uma pessoa na estrada acenando em sua direção.

O motorista rapidamente mudou de pista, porém, já a poucos metros da pessoa, ela pulou na frente do seu veículo obrigando-o a frear bruscamente. Enquanto o homem ensopado contornava o capô em direção à janela do motorista este relembra ter passado, há pouco, pelo presídio. Notando, porém, que as roupas do homem não eram as de um presidiário, o motorista cria coragem para abrir uma fresta no vidro e ouvir o que o outro, ofegante, tentava-lhe comunicar aos gritos.

“Pare! Não siga! É preciso parar! A ponte foi abalada por uma embarcação que se chocou contra ela! Ela veio abaixo! Eu não consegui frear a tempo e caí no mar, mas escapei do carro e voltei até aqui para lhe avisar!

Note que, embora o homem trouxesse uma mensagem de vida ou morte para aquela família, o motorista havia se empenhado em desviar-se dele e evitá-lo! Por quê? Pela sua impressão inicial de que, devido ao meio de comunicação, a relação custo, ou, no caso, risco/benefício não traria nada de bom para a sua família.

Enquanto que, naquele contexto, não havia outro meio pelo qual comunicar a mensagem que preservou a família do desastre eminente, nós, que constituímos a igreja na sociedade pós-moderna, temos tanto o dever quanto o exemplo de buscarmos as formas mais eficazes de comunicar o Evangelho. Não se trata de permitir que o mundo adentre nosso ambiente de culto, tampouco de tentarmos agregar interesse por entretenimento à mensagem, mas, sim, de sintonizarmos a nossa linguagem, metodologia e ferramentas técnicas para comunicarmos com eficácia com aqueles aos quais Deus nos incumbiu de alcançar.

O apóstolo Paulo disse em 1 Cor. 9:22b:

Fiz-me tudo para com todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns. ^(ARC)

Tremo ao imaginar que muitos que visitam nossas igrejas acabam presenciando

um contexto no qual um voluntário, adolescente, pouco ou mal treinado, tenta fazer ouvida a mensagem num ambiente de acústica adequada para *qualquer coisa menos a comunicação* e tendo às mãos o *equipamento mais barato* que se conseguiu adquirir (com a baixa confiabilidade que é inerente aos equipamentos deste valor).

A conclusão inevitavelmente alcançada pelo visitante deve ser algo assim:

“Bom, se é assim que eles se preocupam em comunicar a sua mensagem, ela certamente não deve ser lá de grande importância...”

Nada mais lógico, pois se a tecnologia proporciona à sociedade atual uma qualidade sonora cada vez melhor nos meios de lazer, é natural que quem adentre os nossos cultos para ouvir uma mensagem que afirmamos ser importante, o faça na expectativa de ouvir um som de qualidade.

Agora, como nós que cremos em Cristo entendemos, a ponto de nisso firmarmos nosso destino eterno, a conclusão à qual o visitante acima chegou representa um lamentável engano. Porém o mais lamentável aspecto deste engano, é que provavelmente ***fomos nós os responsáveis por induzir os que visitam nossos cultos a alcançarem esta conclusão – cujo desfecho potencial seria a perda de uma grande oportunidade de salvação.***

Descaso ou Desconhecimento?

Apesar da Bíblia ser clara em dizer que a Fé vem pelo ouvir da Palavra, na prática, o som e a acústica parecem apenas ser considerados após ser construído o salão, dado o acabamento estético, provisionadas as cadeiras ou bancos e assim por diante.

Isto traz à mente as palavras do engenheiro canadense, Joe DeBuglio, que acumula experiência superior a várias centenas de projetos, “Dá vontade de se perguntar se ‘na versão da Bíblia deles’ a fé vem pelo assento”, ou seja, pelo assentar em bancos confortáveis...

A sonorização ao vivo, requer a aplicação de conceitos provenientes de até 7 áreas de conhecimento para que se produza um som de qualidade, (Arquitetura, Acústica,

Música, Eletrônica, Elétrica, Física, Relações Interpessoais). Ou seja uma bagagem de conhecimento que não se adquire intuitivamente.

Talvez por se desconhecer esta complexidade, em muitas de nossas igrejas a pobreza do som e da imagem se devem ao fato do suporte técnico ser relegado ao acaso. Mais especificamente, muitos se iludem, quando pensam em investir em equipamento técnico, achando existir alguma economia em não contratarem consultoria e projeto – ao contrário do que é naturalmente feito quando se buscam os serviços de um engenheiro para desenvolver o projeto estrutural.

Qualquer pessoa compreende o perigo de vida em se deixar que os elementos estruturais de um salão de culto sejam determinados por uma pessoa não qualificada.

Agora me parece que nosso inimigo espiritual tem obtido amplo sucesso em cegar a maioria dos evangélicos para o fato de que se não houver um **competente projeto acústico, de sonorização, iluminação e imagem**, estará se criando o potencial de um salão com uma conjuntura eletroacústica e visual na qual muitos dos que ali se congregarem, não conseguirão compreender a mensagem transmitida. Mas isso não resulta na perda de vida nesta esfera terrestre, mesmo com um edifício mal projetado.

O que preocupa, porém, é que uma consequência ainda maior pode estar passando despercebida, pois a má compreensão da mensagem do Evangelho, ou o ser induzido a tomar a mesma como de pouca relevância, impacta **não somente esta vida como todo o destino eterno das pessoas**. Pois nestas circunstâncias os ouvintes até foram expostos à verdade, mas não a compreenderam ou a valorizaram devidamente por se encontrarem num salão de culto disfuncional.

Eis alguns exemplos do que a reverberação ou múltiplas chegadas do mesmo som emitido por diversas fontes sonoras pode fazer:

Ao invés de:

O texto está alegando a veracidade bíblica

Entende-se:

O texto está NEGANDO a veracidade bíblica

Ao invés de:

É essencial o arrependimento de tal pecado

Entende-se:

É essencial o PRENDIMENTO AO tal pecado

Ao invés de:

O pastor aprecia o empenho dos diáconos na congregação

Entende-se:

O pastor aprecia o empenho DO DIABOLOS na congregação

Enquanto estes exemplos podem parecer humorísticos à primeira vista, a triste realidade é que entre os milhões de palavras proferidas semanalmente nos salões de culto neste país, devido à má sonorização e acústica, uma porcentagem significativa de conceitos bíblicos podem estar sendo mal entendidos

A Palavra de Deus caracteriza errarmos o alvo, ou propósito divino, como pecado. Creio que nosso inimigo espiritual tenha alcançado um grande sucesso ao fazer com que a expressiva maioria de nossas igrejas tenham sido erigidas ou aproveitadas de salões já existentes, sem que fosse dada a menor consideração às condições práticas de utilização do espaço.

Lamentavelmente, preocupações estéticas parecem sempre assumir um nível de prioridade superior às funcionais, esgotando os recursos que poderiam ser empregados para prover qualidade no uso do local e as áreas técnicas acabam relegadas a se virarem com qualquer coisa.

Estou exagerando? Penso que não.

Observemos como Deus foi extremamente minucioso na instrução dos mínimos detalhes das edificações que foram construídas para seu culto.

O Tabernáculo no Deserto ^(NVI)

Êxodo 31

1 - Disse então o Senhor a Moisés:

2 - Eu escolhi Bezalel... da tribo de Judá,

3 - e o enchi do Espírito de Deus, dando-lhe **destreza, habilidade e plena capacidade** artística

- 4 - para desenhar, e executar trabalhos em ouro, prata e bronze,
- 5 - para talhar e esculpir pedras, para entalhar madeira, e executar todo o tipo de obra artesanal.

Deus escolheu e equipou um servo seu para que a Sua casa fosse edificada com excelência.

O Templo em Jerusalém (NVI)

Observe-se que quando Davi quis construir o templo para o Senhor, Deus não o permitiu, isso deve, no mínimo, nos indicar que **Deus possui qualificações para aqueles que assumem a responsabilidade de edificar um local para o seu culto**. Em 1 Crônicas 28 David transfere a incumbência da construção ao seu filho Salomão:

11 - Então Davi deu a seu filho Salomão **a planta** do pórtico do templo, dos seus edifícios, dos seus depósitos, dos seus andares superiores e suas salas, e do lugar do propiciatório.

12 - Entregou-lhe também **as plantas (o modelo J.F.A.R.A.)** de tudo o que o Espírito havia posto em seu coração acerca dos pátios do templo do Senhor e de todas as salas ao redor acerca dos depósitos dos tesouros do templo de Deus e dos depósitos das dádivas sagradas;

13 - Deu-lhes **instruções sobre as divisões** dos sacerdotes e dos levitas, e sobre a **execução de todas as tarefas** no templo do Senhor e os **utensílios que seriam utilizados**.

14 - Determinou **o peso** do ouro para todos os utensílios de ouro, e o peso da prata para todos os utensílios de prata que seriam utilizados nas diferentes tarefas. [...]

19 - Disse Davi a Salomão: **“Tudo isso a mão do Senhor me deu por escrito e ele me deu entendimento para executar todos esses projetos”**.

Observe que foi o Deus, que a Bíblia diz conhecer o número de cada fio de nossos cabelos, que instruiu a Davi com respeito a todos os detalhes acima. E não me consta haver nenhuma passagem na qual Deus tenha se abdicado deste cuidado em tempos posteriores ou nos dispensado de sermos igualmente cuidadosos com o local e atribuições das funções que ali transcorrem no tempo que separamos para cultuá-Lo.

Será que as palavras realçadas em negrito no texto refletem o cuidado com as instalações de infra-estrutura, equipamentos, ou operadores que servem nos cultos de nossas igrejas hoje? Creio que na vasta maioria das vezes a resposta irá revelar o quanto nos distanciamos do propósito de Deus para a excelência nos locais em que Ele é cultuado.

Não quero com isto ignorar a soberania de Deus, tampouco a Sua capacidade de alcançar os perdidos e muito menos busco super valorizar a tecnologia e sua aplicação em nossos cultos. O que deve ser considerado, porém, é que, **Deus nos estimula à excelência.**

Fica a pergunta: ao gerenciarmos os recursos que Ele nos provê, através de ofertas, freqüentemente sacrificiais, do seu povo, estamos investindo estes recursos responsabilmente? Estamos investindo adequadamente para que o som, a acústica e a iluminação dos nossos salões de culto, efetivamente auxiliem na transmissão da mensagem ao invés de detraírem da mesma?

Também não é minha intenção transmitir a idéia de que ferramentas técnicas sejam essenciais ou imprescindíveis à comunicação do Evangelho em todas as nossas comunidades, ou ainda, que todas as congregações, independente de sua localização, devam possuir os melhores equipamentos disponíveis no mercado.

Um dos dirigentes de louvor de nossa igreja viveu a singular experiência de louvar a Deus no estádio do Morumbi numa recente apresentação do Michael W. Smith e, dois finais de semana mais tarde, encontrar-se no extremo norte do nosso país ministrando sobre o louvor numa aldeia indígena.

Eu lhe perguntei como ele definia este contraste, de ter se deslocado da experiência de louvor no topo da tecnologia de sonorização (técnica musical e qualidade profissional) para o extremo oposto, praticado por uma das culturas mais primitivas de nosso país. Pois após ter pessoalmente participado da marcante experiência de louvor e adoração no Estádio do Morumbi, eu acreditei que mesmo entre estes extremos, **na busca sincera do homem por cultuar ao seu Deus, teria que correr um fio comum.**

Sua resposta foi que quando os índios buscavam introduzir os elementos musicais que lhes eram novos (violões, guitarras, etc.) a qualidade resultante era sofrí-

vel, porém, quando cantavam à *capela* as músicas que lhes eram mais familiares, notava-se nitidamente o fluir do espírito de louvor, de maneira semelhante ao que havíamos presenciado no show do Michael Smith. Ou seja:

Quando o meio de expressão/comunicação era coerente com a realidade da cultura, o louvor fluía sem impedimentos.

A partir desta experiência, portanto, entendo o seguinte: Os sistemas de apoio e transmissão técnica têm sua importância, **chegando a ser prioritários** em nossas igrejas, a partir do momento que buscamos atingir uma sociedade habituada a receber as informações por meio dos canais de comunicação eletrônica

Segundo McLuhan – ‘o meio é a mensagem’, as pessoas irão associar a qualidade dessa transmissão com a importância da mensagem. Encontro a validação bíblica deste conceito nas palavras já vistas do apóstolo Paulo:

1 Cor 9.22b *(ARC)*

Fiz-me tudo para com todos, para **por todos os meios** chegar a salvar alguns.

Definindo Qualidade

Creio que uma avaliação conscienciosa dos propósitos da nossa igreja, inserida na sociedade pós-moderna, evidencie a necessidade de investimentos para que comuniquemos efetivamente com nossa geração, que não somente está acostumada a assimilar a comunicação pelos meios eletrônicos, como também a atribuir a seriedade do conteúdo da comunicação **a partir da qualidade** pela qual a mensagem é veiculada.

Aproveitando o conceito de propósitos, vem à mente as seguintes palavras:

“Invista no melhor sistema de som que você puder comprar. Se estiver tentando cortar custos, economize em outra área, não seja pão-duro em relação ao som. Crescemos quinze anos sem um prédio próprio, mas sempre tivemos um sistema de som de altíssimo nível.

Não importa quão persuasiva é a mensagem se as pessoas não podem ouvi-lá de forma agradável. Um sistema de som sem potência pode limitar o músico mais bem

dotado e incapacitar o pregador mais capaz. Nada pode destruir o ambiente santo mais rápido do que uma microfonia no meio da reunião.”

Quem disse isto? Um engenheiro de som? Um músico?

Não, um dos ícones evangélicos dos nossos dias na comunicação do Evangelho à sociedade... Dr. Rick Warren, na página 260 do seu livro *Uma Igreja Com Propósitos*.

A qualidade deve ser coerente com a cultura da sociedade a quem ministramos. Vale considerar que, em nossa sociedade, a qualidade técnica da comunicação em massa ganha acesso ao povo mais simples, por meio das antenas de dezenas de milhares de barracos dos menos favorecidos. Portanto, menosprezar a qualidade na divulgação do Evangelho, mesmo em regiões desfavorecidas, estará potencialmente transmitindo a imagem de um Evangelho de qualidade inferior para os muitos que se recusarem a aceitá-lo nestas áreas.

No contexto global da igreja evangélica brasileira, após ter observado atentamente por vinte e cinco anos, atribuo a baixa qualidade a:

- operadores destreinados;
- equipamento de categoria inferior (ou mal projetado para a função);
- além da acústica disfuncional nos espaços separados para a adoração corporativa de Deus, entendo porque há quem **questione** a validade de introduzirmos os elementos técnicos no nosso culto. E se levarmos em conta as tantas igrejas nas quais os sistemas mal projetados ou instalados se tornam fontes de **distração** da mensagem, ao invés de **difusão** da mesma, entenderemos o porquê de quem **rejeite** sua introdução em nosso culto a Deus.

Visto, porém, que o modo pelo qual nossa sociedade costuma receber a comunicação torna legítimo o emprego (correto) destas ferramentas tecnológicas, ao invés de questionarmos a validade das mesmas nas igrejas, nos cabe considerar o seguinte:

Como podemos produzir nestes sistemas uma qualidade **da qual o Evangelho é digno** - que não apenas **propicie**, mas **potencialize** a compreensão da mensagem?

Reitero: o conceito de se apresentar o Evangelho por meio de sons e imagens de qualidade não se embasa num **fútil esforço de agregar valor ou atratividade por**

entretenimento à mensagem, mas, sim, de **não sermos responsáveis por detrairmos de sua relevância** ao expô-la à sociedade com qualidade inferior àquela que sua vital importância é digna.

Primeiramente deve ficar claro que nossa preocupação com a qualidade deve se estender além do **imprescindível cuidado com a fidelidade bíblica**, estendendo-se inclusive além da habilidade do pregador. Vale lembrar que **apenas proclamar o Evangelho não garante que a vontade de Deus será aceita** – Por melhor que seja o mensageiro!

A Bíblia está repleta de ocasiões em que **o próprio Deus** falou, porém aqueles a quem Ele dirigiu Sua palavra não a aceitaram! Zacarias 7:11-12 nos relata um exemplo e suas conseqüências: ^(ARA)

11 - Eles, porém, não quiseram atender e, rebeldes, me deram as costas e **ensurdecaram os ouvidos**, para que não ouvissem.

12 - Sim, fizeram o seu coração duro como diamante, **para que não ouvissem** a lei, nem as palavras que o SENHOR dos Exércitos enviara pelo seu Espírito, mediante os profetas que nos precederam; daí veio a grande ira do SENHOR dos Exércitos.

O ensurdecimento **voluntário** é uma das razões pelas quais a Palavra de Deus não é ouvida e não gera o seu fruto. Esta reação obviamente **não será cobrada** de quem a proclama. Existem, porém, outras causas da Palavra não produzir fruto que decorrem diretamente do modo de proclamação!

A parábola do semeador, em Marcos 4, nos revela o seguinte : ^(ARA)

14 - O semeador semeia a palavra.

15 - São estes os da beira do caminho, onde a palavra é semeada; e, **enquanto a ouvem**, logo vem Satanás e tira a palavra semeada neles.

Há mais de 2 mil anos, Cristo nos advertiu de que **distrações** podem roubar a mensagem de Deus da mente das pessoas presentes num culto ou reunião. A questão é:

O que nós, da igreja de Cristo, estamos fazendo para que haja um mínimo destas distrações durante os poucos momentos semanais em que nos reunimos para ouvir a Palavra de Deus?

A consequência extrema, porém muito real, que resulta da desatenção à maneira em que Sua mensagem é apresentada pode ser compreendida a partir do texto de Romanos capítulo 10: ^(NVI)

*14b - como crerão naquele **de quem não ouviram falar?***

Versículo 17

17 - a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo.

Ou seja: A Fé vem pelo ouvir da Palavra

Entendo que a parábola dos talentos abre o potencial de sermos responsabilizados por como administramos as oportunidades que Deus nos confia. A consequência da desatenção à qualidade com que o Evangelho é proclamado, é que muitos não ouvirão (ou não ouvirão com inteligibilidade) – e, por não ouvirem, permanecerão debaixo da condenação eterna por razões que podem ser atribuídas, não aos ouvintes, mas, sim, **a nós os incumbidos de transmitir a mensagem!**

Em sua primeira carta aos Coríntios, capítulo 14, o apóstolo Paulo comenta a importância de **clareza** para que haja compreensão na transmissão da Palavra. O versículo 6: ^(NVI)

6 - Agora, irmãos, se eu for visitá-los e falar em línguas, em que lhes serei útil, a não ser que lhes leve alguma revelação, ou conhecimento, ou profecia, ou doutrina?

7 - Até no caso de coisas inanimadas que produzem sons, tais como: a flauta ou a cítara, como alguém reconhecerá o que está sendo tocado, **se os sons não forem distintos?**

8 - Além disso, se a trombeta não emitir **um som claro**, quem se preparará para a batalha?

9 - Assim acontece com vocês. Se não proferirem **palavras compreensíveis** com a língua, **como alguém saberá o que está sendo dito? Vocês estarão simplesmente falando ao ar.**

10 - Sem dúvida, há diversos idiomas no mundo; todavia, **nenhum deles é sem sentido.**

11 - Portanto, **se eu não entender o significado do que alguém está falando, serei estrangeiro para quem fala, e ele, estrangeiro para mim.**

É claro que Paulo, na época, não se referia à sonorização, porém há verdades contidas aqui que não podem ser ignoradas ao considerarmos a qualidade na transmissão técnica do Evangelho.

Reitero que não menosprezo a capacidade ou soberania de Deus para alcançar um pecador e fazê-lo compreender e arrepender-se do seu pecado sem qualquer participação de elementos técnicos.

Estou certo que muitas pessoas podem testemunhar de como foram alcançadas pela graça e misericórdia de Deus apesar de estarem fugindo, dando as costas, ou, ainda, se encontrarem no pior lugar imaginável para ouvirem a Palavra de Deus – assim como ocorreu com um bêbado que, caído na sarjeta, encontrou o pedaço rasgado de um folheto evangelístico que transformou a sua vida.

Porém, enquanto creio que a graça e misericórdia de Deus são plenamente suficientes para alcançar um ser humano em meio às piores condições imagináveis para a comunicação, *isto, de forma alguma, nos isenta da **nossa responsabilidade** de prezarmos pela **qualidade** na transmissão da mensagem que custou a Deus a vida do seu Filho!*

Devemos, portanto, dedicar a devida atenção à qualidade com a qual estamos transmitindo a mensagem vital da Palavra de Deus – que é **a única** que tem garantia de produzir frutos de vida como nos diz Isaías 55:11: *(ARA)*

11 - assim será a palavra que sair da minha boca: **não voltará para mim vazia**, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei.

Além das leis da física e acústica que regem um som de qualidade serem pouco conhecidas e permeadas por um monte de “folclore” acústico, existem dezenas de fabricantes de equipamentos com dezenas de modelos e a acirrada competição faz com que novos lançamentos surjam o tempo todo.

Creio que isto ilustra o porquê de alguém, por mais bem intencionado que seja, ter poucas chances de acertar na sonorização de um salão de culto, sem o auxílio de um

profissional experiente na área. Ao invés de economia, o *faça-você-mesmo* resultará em decepção e desperdício.

Uma igreja de renome contratou um “projeto” de uma empresa que faz sonorização de shows e acabou gastando algo em torno de 70 mil reais em amplificadores e caixas de som. Os operadores logo perceberam que o projeto estava errado e tentaram sua própria solução, o que também não resolveu.

Após quase um ano de frustração fui chamado para remendar a situação com o equipamento existente. Apesar de serem caixas que eu nunca escolheria para sonorizar um salão de culto, conseguimos lhes proporcionar um som de qualidade desligando parte do equipamento e dispendo as caixas numa posição mais adequada.

Neste caso específico tiveram sorte, ou mais corretamente, a misericórdia divina, porém fico a imaginar o quanto de recursos sacrificialmente levantados não são desperdiçados em equipamento não adequado em igrejas nas quais ***poderia se ter feito melhor com menos.***

Como disse um consultor experiente, o processo de se projetar um sistema de som pode ser definido como

A fina arte das concessões

Somente um profissional experiente nas atividades dos nossos cultos, e conhecedor dos equipamentos disponíveis nos mercados nacional e estrangeiro, poderá tomar as decisões de onde empregar os recursos na medida correta, e onde economizar.

Quem é bem sucedido nesta fina arte das concessões alcança uma equação de qualidade, na qual os recursos da congregação proporcionam o melhor para o seu contexto específico, atendendo, assim, a expectativa da comunidade e provendo-lhe a qualidade da qual a mensagem que transforma destinos eternos, é digna.

Em suma, no contexto de uma igreja, um sistema de som e imagem de qualidade, é aquele que atende às necessidades da congregação com qualidade, confiabilidade e alguma flexibilidade. Ou seja, sem chamar atenção a si mesmo

por ruídos como chiados, estalidos e roncoss, interrupções, microfônias ou sons muito altos, baixos ou distorcidos.

A palavra chave aqui é a transparência. Todos os lugares da congregação devem poder ouvir e enxergar sem esforço e, idealmente, sem perceber que o som faça parte do processo de comunicação.

Ainda outro elemento que incluirei brevemente, é a falta de transparência do sistema de som quando o mesmo é empregado como ferramenta de manipulação dos ouvintes em pseudo-igrejas.

Há locais que bombardeiam seus fiéis com níveis prejudiciais à audição, fazendo disparar o mecanismo de reação de luta ou fuga, que libera a adrenalina fazendo com que as emoções dos inocentes sejam estimuladas com maior facilidade.

Em troca do quê?

1. Provavelmente uma busca por maior poder de convencimento
2. Em muitos casos conseguir maior contribuição financeira por meio das emoções estimuladas

Mas, certamente, nada que Deus irá abençoar, e, além da justiça divina lhes cobrar por esta manipulação, ainda serão responsabilizados pelo dano à audição dos adultos e, - mais tragicamente - das crianças conduzidas pelos seus pais a estes locais de abuso sonoro.

Como ESTAMOS comunicando?

A Fé vem pelo ouvir da Palavra, mas o que acontece em nossas igrejas?

Embora o suporte técnico ao Evangelho tenha este enorme potencial tanto para a difusão, ou **comunicação** da Palavra, quanto para a **distração** da mesma, lamentavelmente, em tantos casos que parecem constituir a maioria e não as exceções, vemos a área técnica sendo tratada como se fosse um mero passatempo ou “*hobby de fim de semana*” ignorando completamente as conseqüências eternas que podem resultar de uma não compreensão da mensagem do Evangelho.

Apesar de estarmos inseridos numa sociedade na qual reagimos às informações segundo o conceito de que “O meio é a mensagem” na maioria dos casos, **entidades seculares** estão conseguindo levar suas mensagens vazias e ilusórias com uma **qualidade superior àquela que nós dedicamos à transmissão da mensagem vital do Evangelho**.

Não pretendo espiritualizar esta questão, porém não creio que seja exagero dizer que: ***Nossa falta de preparo e investimento nesta área técnica tem sido tamanha a ponto de ser uma ferramenta na mão do inimigo!***

Vimos no texto de 1 Crônicas 28 as instruções detalhadas que Deus transmitiu a Davi sobre a edificação do Templo. Ali aparecem palavras como “planta, modelo, divisões, tarefas, utensílios, peso, projetos”.

Creio ser coerente raciocinar que, por:

Se Deus criou este universo tão fantasticamente complexo, a partir do nada, por meio de sua Palavra, Ele não tinha a menor necessidade de se valer de projetos para a construção de qualquer estruturazinha a ser edificada por mãos humanas que fosse.

Portanto, se em sua Palavra revelada Ele se preocupou em registrar estes elementos, é para que nós atentássemos para a importância de processarmos estes detalhes quando nos empenhamos em Lhe edificar um local de culto.

Após uma década de envolvimento com projetos de sonorização para igrejas, fica muito claro que a expressiva maioria daqueles a quem recai a responsabilidade de edificarem um local de culto, não tem idéia daquilo que é necessário para que as funções de suporte técnico possam ali ocorrer com qualidade.

E embora dê para entender que esta incoerência surja no meio de voluntários que, de bom coração, buscam servir a sua comunidade apesar do seu limitado conhecimento na área técnica, constitui um retrato da pobreza da educação brasileira, quando vemos que profissionais formados como engenheiros e arquitetos são pagos para construir salões disfuncionais nos quais a acústica e os serviços de suporte técnico não recebem a consideração necessária.

Ainda pior é que os erros na construção e projeto implicam na multiplicação dos custos posteriores apenas para se remendar o que poderia ter sido feito direito no início.

Agora, se formos analisar a rigor, as igrejas também têm sua parcela de culpa, pois o mínimo que se deveria fazer é consultar com clientes anteriores destes profissionais, perguntando **àqueles que operam os sistemas técnicos** se os salões atendem às funções de sonorização, acústica e boa visualização de imagens e textos projetados, além da óbvia iluminação, ventilação e estética.

Voltando ao postulado de McLuhan, do mesmo modo que é válida a idéia de que o meio pelo qual se apresenta a mensagem caracteriza a mesma, podemos afirmar que:

A forma impõe, ou limita, a função

e é este princípio que descreve a triste realidade de um vasto número de salões de culto neste país que já, a partir da sua forma, são disfuncionais - sem sequer chegarmos a considerar os sistemas sonotécnicos que neles são inseridos. E como esta disfunção impacta **o meio** pelo qual a mensagem é transmitida, podemos concluir que aquilo que ali é exposto, é, no mínimo, tomado como sendo de pouco valor, quando não chega aos ouvintes de forma não inteligível.

Voltando ao fator desconhecimento, é comum algumas igrejas me procurarem alguns dias ou semanas antes de darem início à fase de acabamento para que sejam quebradas as paredes e lajes para neles embutir os dutos que conduzirão os sinais.

Uma vez me telefonaram no dia anterior ao que iriam concretar a laje piso de um salão de culto “apenas para perguntar qual o diâmetro do tubo que seria *grande o suficiente* para acomodar todos os cabos”...

Imagine qual não foi a surpresa deles quando, após sondar suas necessidades imediatas e flexibilidade para expansões futuras, acabei indicando uma infra-estrutura de 12 dutos interligando 4 áreas de suporte técnico – é claro que houve um transtorno na obra adiando o serviço na laje por alguns dias enquanto eu corria com o projeto em caráter de urgência máxima... Naquela ocasião eu tive como atendê-los, mas não são raras as ocasiões em que isto é impossível.

Isto nos traz à pergunta: Em que etapa da construção deve-se contatar um profissional em sonorização?

A resposta é: **nenhuma**.

O ideal para a economia, qualidade e estética, é que as funções que propiciem uma boa acústica e infra-estrutura para serviços técnicos sejam considerados na época em que se planeja adquirir um terreno para a construção.

Se o terreno já foi adquirido, **pelo menos**, antes que se defina a planta, pois, se não houver a consideração destes elementos quando a mesma for elaborada, o profissional que fizer o projeto eletroacústico estará engessado pelo formato do salão (elaborado por quem, muito provavelmente, não tem conhecimento de som e acústica) e será limitado a oferecer medidas paliativas. Entretanto, custará cerca de 4 vezes mais **para remendar** do que fazer direito desde o início.

Apenas para ilustrar, considere o que fica mais barato:

- Definir o ângulo correto de uma parede na planta, ou derrubar a mesma após construída?
- Estabelecer um pé direito adequado para cobrir a congregação com uma ou duas caixas suspensas e centralizadas, ou ter que distribuir um monte delas pelo teto ou paredes num salão muito baixo?
- Prover superfícies com formas adequadas à acústica ou ter que recobrir superfícies recém construídas com caros materiais acústicos?

No ano passado minha igreja me apresentou um *anteprojeto* para o nosso novo salão e eu imediatamente devolvi um “*anti projeto*”, corrigindo o formato do salão para uma disposição que nos proporcionou uma funcionalidade e acústica superior. Felizmente por ter sido procurado antes de definirem a planta, houve tempo para alterarmos as coisas e a igreja acatou à maioria das recomendações.

Como DEVEMOS comunicar?

Embora a Bíblia não contenha referências específicas à tecnologia, devido à época de sua autoria, certamente não podemos ignorar que nosso Deus - o Engenheiro e

Arquiteto deste universo - nos instrua a buscarmos o melhor! Vejamos alguns textos bíblicos:

Tudo que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens,

(NVI) **Colossenses 3.23**

Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças...

(ARA) **Eclesiastes 9.10**

Vocês não sabem que dentre todos os que correm no estádio, apenas um ganha o prêmio? Corram de tal modo que alcancem o prêmio.

(NVI) **1 Coríntios 9.24**

O que trabalha com mão remissa empobrece, mas a mão dos diligentes vem a enriquecer-se.

(ARA) **Provérbios 10.4**

Certamente devemos nos preocupar com a qualidade!!!

Tem uma frase do Pr. Charles Swindoll que me marcou desde o dia que li num dos seus textos devocionais. Ela diz assim:

A diferença entre um serviço regular e um de excelência consiste de detalhes

- obviamente daquilo que alguns considerariam “meros detalhes” nunca saindo, portanto, do regular..

Fico imaginando quantos investimentos em detalhes imprescindíveis à qualidade técnica não foram vetados por administradores de nossas igrejas por serem tachados de “meros detalhes”?

Vimos como a Bíblia é específica no registro dos detalhes das instruções de Deus que propiciaram a qualidade das edificações dedicadas ao seu culto. Por brevidade destaquei apenas dois dos extensos textos do Velho Testamento, que dizem respeito à habilidade dos profissionais e ao projeto, elaborado pelo próprio Deus, exemplificando a importância dos detalhes nos locais que seriam dedicados a Lhe cultuar.

A Bíblia registra outros exemplos da atenção divina a detalhes, como na construção da arca de Noé e da arca da promessa. Pergunte a um médico ou biólogo sobre o vasto número de detalhes que Deus implantou em Seu projeto do ser humano e da interdependência de tantas quantidades minúsculas de elementos químicos envolvidos nos processos que transcorrem continuamente para garantir a homeostase essencial à nossa saúde. Não há como negar que o nosso Deus é um Deus detalhista, e cabe-nos cultuá-lo em coerência com esta característica de sua Pessoa!

Enquanto a Bíblia ensina que esse Deus detalhista é o mesmo ontem, hoje e para sempre, percebo haver uma imensa lacuna entre a atenção a detalhes funcionais (não apenas estéticos) e a qualidade instruída por Deus no tocante às edificações históricas de culto e a realidade dos locais em que hoje congregamos.

Entendo que, hoje, essa qualidade se evidencia através de elementos como o som, acústica, iluminação, ventilação e espaço físico para o suporte técnico. Esses detalhes proporcionam melhores condições de assimilação da mensagem que ali transmitimos, demonstrando, assim, coerência com a nossa intenção de que a mesma seja aceita.

Portanto, preocupa o fato de que em muitos salões de culto, estamos aquém da qualidade exemplificada por Deus em sua Palavra. Reconheço que existem circunstâncias nas quais igrejas não têm recursos para fazer o ideal, e outras até os têm, porém não encontram o local para alugar ou um terreno em que construir, porém fica a questão:

Se Deus não poupou o Seu próprio Filho para que a Mensagem da Salvação existisse, seria coerente com a Sua Pessoa reter os recursos para que esta Mensagem seja transmitida com uma qualidade que a apresente como digna de aceitação perante a nossa sociedade?

Se faltam recursos, será que Deus não está usando desta situação para ensinar algo à comunidade em questão?

Estou certo que existem casos nos quais Deus proporciona os recursos, porém outros elementos são priorizados em detrimento daqueles que proporcionariam maior funcionalidade.

Errar o alvo é traduzido por pecado, e, neste caso específico de menosprezar a qualidade do suporte técnico, um pecado que tem o potencial de impactar o destino eterno dos que nos visitam, habituados com o conceito de que *o meio é a mensagem*.

A Bíblia também deixa evidente que a qualidade não se limita apenas aos detalhes arquitetônicos, mas abrange as práticas que ali se realizam - como a música.

Quenânias, o chefe dos Levitas, ficou encarregado dos cânticos; essa era a sua responsabilidade, pois ele tinha **competência** para isso.

(NVI) **1 Crônicas 15.22**

Entoai-lhe novo cântico, tangei [ou tocai] **com arte** e com júbilo.

(ARA) **Salmos 33.3**

Vejam a definição da palavra arte – que muitas vezes em nossos dias e cultura é usada como desculpa por baixa qualidade...

ARTE: s. f. 1. Conjunto de **regras para dizer ou fazer com acerto** alguma coisa. 2. Conjunto de **prescrições de um ofício ou profissão**: A. náutica. 3. **Saber ou perícia** em fazer uma coisa. 4. Expressão de um ideal de beleza, **concretizado** em qualquer obra de gênero artístico. 5. Conjunto das obras artísticas de uma época, de um país. 6. Dom, **habilidade**, jeito. 7. **Ofício, profissão**. 8. Maneira, **modo**. 9. Traquinada, travessura.

Visto como *estamos* comunicando e como *devemos* comunicar pensemos em como **podemos** comunicar.

Como PODEMOS comunicar?

Jesus disse aos seus discípulos em João 14:12: (NVI)

*Digo-lhes a verdade: Aquele que crê em mim fará também as obras que tenho realizado. Fará **coisas ainda maiores do que estas**, porque eu estou indo para o Pai.*

1. Em várias ocasiões temos registrado que Jesus falou a multidões de alguns milhares de pessoas. Porém, hoje, através da tecnologia de rádio, TV e internet, temos condições de alcançar milhões de ouvintes ao mesmo tempo!

Naquela época caminhava-se a pé, por dias, para se chegar de um país ao outro. Hoje, pela internet, uma mensagem missionária pode ser transmitida em segundos e lida por todos do planeta que tenham acesso a este serviço - inclusive por povos em países onde é proibida a divulgação pública do Evangelho!

2. Nos sermões do monte e do lago Genesaré, Cristo demonstrou sua sabedoria ao posicionar-se de modo que a acústica do local favorecesse a transmissão de sua voz. Hoje, embora poucos conheçam ou se aproveitem disto, há como se construir salões de culto nos quais a acústica não seja prejudicial à compreensão da mensagem.

3. Quando Cristo terminava as suas preleções, estas persistiam somente nos corações daqueles que as ouviam e, quando relatadas de uma pessoa para outra, havia sempre o potencial da mensagem não ser tão fiel quanto à original. Hoje temos condições de gravar uma pregação para que seja ouvida dezenas de vezes com total fidelidade.

Estas gravações são úteis como mensageiras que conduzem a Palavra de Deus àqueles que estão enfermos, os quais em seus **momentos de maior necessidade**, podem ouvi-las em seus lares ou em leitos hospitalares. Elas têm também, aplicação missionária, pois muitos descrentes, que se recusariam a por os pés numa igreja, aceitariam ouvir uma gravação em seu lar sendo assim alcançados pela mensagem do Evangelho. E na nossa sociedade em que o trabalho de muitos profissionais os obriga a se deslocarem para outras cidades e regiões das que moram, estas gravações podem preencher o tempo vazio do traslado com o enriquecedor contato com a Palavra de Deus.

Qualidade, Flexibilidade e Economia resultam de um **Projeto**

Obviamente a implantação de um ambiente com acústica propícia à comunicação e gravação da mensagem falada e cantada, com sistemas integrados de sonorização, gravação, e transmissão via internet, não ocorre aleatoriamente e nem com os equipamentos mais baratos que se pode encontrar no mercado.

Para haver esta funcionalidade e uma relação custo/benefício na qual os investimentos são dosados estrategicamente entre os equipamentos, para proverem a melhor qualidade e confiabilidade dentro dos recursos disponíveis, se faz necessária a aplicação da “fina arte das concessões” ou seja, um projeto.

Infelizmente, a realidade nos mostra que muitas igrejas acabam tendo seus investimentos dirigidos:

1. Pelo interesse dos voluntários encarregados de controlar o equipamento;
2. Por lojistas interessados em dar vazão ao seu estoque;
3. Por pastores que pouco entendem dos princípios técnicos, e que não recebem sequer os conceitos mais básicos dos mesmos no seu treinamento – **apesar do potencial impacto positivo ou negativo que isto exercerá em seu ministério e nas finanças da igreja sob sua autoridade;**
4. Por profissionais de outras áreas de sonorização (shows, ou casas noturnas) nos quais os propósitos diferem em muito daquilo que precisamos em nossos salões de culto para que o som seja fonte de benção e não frustração;
5. Podemos ainda acrescentar a estes outros tantos como, por exemplo, a estética pela qual muitos engenheiros e arquitetos fornecem salões disfuncionais às igrejas que lhes procuram.

O resultado é que, mesmo em igrejas na América do Norte, uma cultura onde se tem acesso muito maior a informações técnicas, a maioria das igrejas acaba **desperdiçando** seus recursos em 4 sistemas de som antes de finalmente adquirir um que atenda suas necessidades e expectativas com qualidade.

Também é importante salientar que ao nos referirmos a projeto não estamos pensando numa mera lista de compras de equipamentos, mas a um estudo específico que envolve:

1. O formato do ambiente de culto,
(preferencialmente iniciado em tempo de poder orientar quanto ao formato mais propício a uma boa acústica);
2. A compreensão daquilo que a comunidade quer e a exposição de potentes tecnologias para expandirem seus ministérios, se assim desejarem;

3. A melhor localização dos ambientes de controle para cada uma das funções técnicas a serem realizadas;

4. A distribuição da cabeação apropriada para prover estas funções com flexibilidade para expansão;

5. A indicação dos equipamentos;

6. A implantação dos sistemas;

7. A orientação daqueles aos quais será confiada a operação dos mesmos.

E, conforme já comentado, para que estes sistemas se integrem de forma ideal à sua comunidade é importante que este projeto seja feito por quem tenha experiência comprovada em sonorização de igrejas.

Inimigos Não Tão Óbvios de Um Som de Qualidade

Além das considerações técnicas e acústicas abrangidas por um projeto, existem três inimigos de um som de qualidade, cujas dificuldades não serão sanadas por um projeto – por mais competente que seja o projetista.

Neste contexto, a solução requer mudanças de paradigma nas primeiras duas áreas, sensibilidade e sabedoria na terceira:

A Área Administrativa

Ao fornecer suporte audiovisual dentro do espaço reservado para cultuar a Deus, estamos provendo veículos para um conteúdo que impacta a mente, o espírito e as emoções com dinâmicos conceitos divinos que detêm o singular potencial de transformar vidas e alterar o destino eterno das pessoas.

Este precioso conteúdo não pode ser relegado a um tratamento técnico aleatório, inconsequente que dependa da sorte, ou, mais corretamente, de intervenções contínuas da misericórdia divina, para que a mensagem chegue com inteligibilidade aos seus destinatários.

Requer, sim:

1. investimento em equipamentos confiáveis;
2. investimento em treinamento e conhecimento técnico;
3. um projeto realizado por pessoa **experiente em sonorizar cultos**;
4. planejamento, preparo e ensaio;
5. interseção pela equipe que serve e pela proteção do equipamento.

Vale destacar, também, que o suporte administrativo não deve ter seu fim após a implantação de um projeto, pois se faz necessário um suporte contínuo tanto em provisão de recursos para a manutenção dos equipamentos e treinamento dos membros do departamento quanto para elementos como:

- Aquisição de descartáveis como mídia virgem, pilhas e baterias;

- Eventuais expansões do sistema.

(Pois, historicamente, à medida que nossas igrejas apresentam sistemas de suporte técnico de maior qualidade, aumenta a confluência de irmãos com talentos interessados em servir);

- Coordenação do fluxo de comunicações relativas às atividades que irão depender de suporte técnico dentro dos cultos semanais,

(Pois à medida que as igrejas crescem, aumentam proporcionalmente às necessidades de comunicação com os diversos departamentos que participarão do culto (e permitir que as necessidades cheguem em cima da hora é **receita certa** para problemas).

Como o crescimento da igreja aumenta a demanda sobre os operadores, ao se requer destes qualidade e responsabilidade maiores, é coerente lhes prover com oportunidades de aumentar seus conhecimentos para não depender do erro lamentavelmente comum no qual:

A **escA**la do som é a **escO**la de som

que faz com que todos os erros inerentes ao processo de aprender por tentativa e erro tenham sua presença garantida dentro de nossos cultos.

Este aumento de conhecimento, no mínimo, deve ocorrer por meio da provisão do departamento técnico da igreja com assinaturas de revistas especializadas e, de

modo mais interativo, trazendo profissionais reconhecidos na área para ministrar palestras, e workshops ou ainda cursos que permitam aos voluntários aumentarem suas habilidades.

Outra forma de apoio interessante é assumindo o pagamento da membresia de seus voluntários, ou, pelo menos, o líder para que participe de organizações reconhecidas como a AES (Audio Engineering Society) que além das feiras com exposições de equipamentos oferece palestras e workshops para a educação dos seus membros.

Esse investimento tem o seu retorno na forma de economia na hora de novos projetos e aquisições, pois embora não tendo a experiência de um profissional, o conhecimento dos voluntários informados lhes permite comunicar melhor com o profissional contratado quanto às expectativas de um novo sistema. Outro benefício é que uma equipe bem informada estará atenta a potenciais erros nas decisões realizadas em reformas, aquisições de novas propriedades ou locações de locais para expansão da igreja.

Finalmente chegará o momento em que, mesmo com este apoio, a carga de responsabilidades e detalhes a serem administrados foge ao que é exequível no contexto voluntário, fazendo-se necessária a integração de um membro específico do quadro de funcionários da igreja para gerir todas estas responsabilidades e passá-las aos voluntários.

Os voluntários não deixam de existir devido à sua contratação, apenas têm seu desempenho potencializado e aliviado por sua adição à equipe.

Normalmente o processo de crescimento, segue aproximadamente a seguinte sequência:

1. Pastor
2. Secretária(s)
3. Pastores Auxiliares
4. Ministro de Música

E com o aumento da necessidade de suporte técnico em função das atividades elaboradas pelo ministro de música, a contratação de um **Diretor Técnico**.

Embora somente agora algumas igrejas brasileiras estejam chegando neste estágio, há igrejas grandes no exterior que têm ido muito além deste ponto. Estas contratam diretores para cada área específica como áudio, vídeo, iluminação, dramatização, etc. e subseqüentemente auxiliares para estes, chegando ao ponto de serem mais de uma dezena de funcionários e, contando os voluntários, mais de 30 pessoas.

Isto ocorre principalmente nas grandes igrejas metropolitanas cujo crescimento as obrigou a se descentralizarem e assim dependerem de equipes em cada um dos seus salões de culto que freqüentemente são interligados à sede por recursos audiovisuais.

A importância do suporte administrativo se manifesta facilmente na sua falta pois num estágio inicial resulta na desmotivação dos voluntários passando ao esgotamento dos mesmos. Se não um esgotamento físico, o esfriar de sua vontade, por verem sua paixão, e o servir com qualidade, afogada na demanda por múltiplas tarefas sem haver:

ferramentas,
informações,
ou tempo adequado

para realizar suas funções dentro de sua expectativa de qualidade.

Faz-se, portanto, necessária a percepção de que:

Não basta haver um projeto e investimento em equipamento de qualidade, os integrantes do ministério técnico necessitam de um apoio consciente e estruturado do staff da igreja

Isto quando não é o caso de se contratar um funcionário de tempo parcial ou integral para este ministério, conforme a demanda e extensão dos serviços técnicos.

Se esta proposta causa surpresa, proponho que se parta do seguinte raciocínio:
Qual é a segunda pessoa mais percebida dentro de um culto após o pastor?

- **O operador de som** quando ocorre uma falha técnica.

E o efeito destas falhas técnicas, beneficia à transmissão do Evangelho ou a quebra do clima no qual esse processo transcorre?

Daí pergunto se não existe coerência em se tomar providências, **inclusive deslocando recursos financeiros**, para que os inúmeros detalhes técnicos que confluem para a realização de um culto bem sucedido sejam administrados de modo a serem

previstos,
planejados,
comunicados e executados
sem causar transtornos em meio ao pouco tempo que nós reservamos para a adoração corporativa a Deus.

Da Equipe Técnica

Mesmo que se implante um projeto, e ocorram as mudanças de paradigma da parte administrativa, no plano dos técnicos é preciso que o som seja efetivamente percebido como

Um ministério com o potencial de impactar o destino eterno das pessoas!

e não apenas um mero acessório técnico do processo “fazer igreja” pelo qual são feitos sacrifícios e se dividem as horas entre os outros tantos passatempos que competem pelo tempo dos jovens voluntários aos quais é tipicamente confiado.

Deles precisa haver

1. preparo e planejamento antecipado
2. um conhecimento dos equipamentos que a igreja possui (que eventualmente terá que servir a atividades de várias áreas ao mesmo tempo requerendo a decisão de quais características do equipamento atenderá melhor às funções e ao know how do operador de cada programação)

Além disso, é preciso criarem, em conjunção com a área administrativa, uma estrutura que evite pedidos de última hora. Esses pedidos podem até partir de irmãos bem intencionados, porém, que ignoram, o impacto que sua falta de planejamento ou tempo hábil exerce sobre os voluntários técnicos, pois quando ao prestar suporte técnico num culto, se o raciocínio do operador não estiver um ou dois passos à frente do programa, ele corre o risco de prejudicar a qualidade para a congregação.

É tristemente comum haver igrejas nas quais todo o suporte técnico recai sobre um único elemento. Isto constitui uma receita certa para problemas, pois, salvo raras exceções,

quem está trabalhando no som, não está sendo alimentado espiritualmente!

Isso não deve ser surpresa, pois o seu foco estará nos detalhes que proporcionarão melhor qualidade ao seu serviço técnico prestado à comunidade. Ele não conseguirá absorver o conteúdo. Porém, o fato de se ver aquele mesmo fulano, fielmente a postos, semanalmente, cumprindo a sua função técnica, leva à igreja a crer que ele está bem alimentado na palavra, etc.

No fim, a falta de alimentação espiritual, conjugado com os estresses inerentes a ter que “fazer a coisa acontecer” sozinho, numa igreja pequena na qual

1. tipicamente os recursos para equipamento também não são dos maiores
2. e provavelmente ocorrem atritos com (os, sempre, mesmos) músicos
3. ou a liderança,

que pedem mais do que o sistema é capaz de prover, acabam deixando-o plenamente vulnerável ao nosso inimigo espiritual. E nas mãos desse, o nosso esforçado irmão devido à sua subnutrição espiritual se tornará presa fácil, não raramente deixando a igreja e causando um transtorno razoável.

Portanto, se o serviço técnico da sua igreja depende de um único elemento, comece imediatamente a interceder, tanto pela vida espiritual dele quanto para que Deus envie mais voluntários e invista tempo no relacionamento com este camarada, não com segundas intenções, mas, sim, para fortalecê-lo e mostrar a sua apreciação pelo tempo que o serviço dele em prol de sua comunidade custa a ele e, se for o caso, à sua família.

O outro lado da moeda é que há algumas pessoas que assumem este cargo e o monopolizam achando que sabem mais do que os outros e/ou subnutrido recusando-se a transferir o seu conhecimento. Este é um erro, segundo a analogia do apóstolo Paulo de que a igreja é constituída de membros que convivem em interdependência.

Como diz Curt Taipale veterano em som profissional, cuja experiência remonta ao início da Maranatha Music:

É preferível se ter alguém com nenhum conhecimento técnico e um coração de servo do que um habilidoso “expert” que não saiba trabalhar em conjunto.

O Nosso Inimigo

O terceiro inimigo de um bom som está no campo espiritual. No meu conceito pessoal, tenho que muitas das dificuldades que enfrentamos não ocorrem ao acaso ou devido à tal “Lei de Murphy” (que diz que “Se existe a chance de algo dar errado, isto muito provavelmente ocorrerá”), mas resultam de ações deliberadas na agenda do nosso inimigo.

Um exemplo recente:

No, já citado, show do Michael W. Smith, artista cristão experiente que tem, ao longo de 20 anos de carreira, abençoado a juventude evangélica com música de qualidade, foi contratada, para a sonorização do evento, uma empresa que figura entre as mais experientes do Brasil e que ali empregava equipamento de primeira linha para sonorizar o estádio do Morumbi. Ainda assim, ouvimos do apresentador que houve uma “batalha” para que conseguissem fazer o som funcionar...

A Bíblia faz alusão à Lucifer antes de sua queda através de duas passagens nas quais fica claro, pelas alegações e pelo contexto histórico, que obviamente não se referem ao rei da Babilônia e o governador de Tiro.

Sua soberba foi lançada na sepultura, **junto com o som das suas liras**; sua cama é de larvas, sua coberta de vermes.

(ARC) **Isaías 14.11**

Está derrubada até o Seol a tua pompa, [nesta versão] **o som dos teus alaúdes**; os bichinhos debaixo de ti se estendem e os bichos te comem.

(ARA) **Isaías 14.11**

Estiveste no Éden, jardim de Deus; cobria-te de toda pedra preciosa: a cormalina, o topázio, o ônix, a crisolita, o berilo, o jaspe, a safira, a granada, a esmeralda e o ouro. [e agora] **Em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros**; no dia em que foste criado foram preparados.

(ARA) **Ezequiel 28.13**

Também no versículo 15:

Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que em ti se achou iniquidade...

Estes textos nos revelam que, se Lucifer não foi o diretor dos cânticos celestiais, conforme entendem alguns comentaristas, ele, no mínimo, estava envolvido com a música celestial tendo, portanto, um conhecimento sobre-humano do valor deste elemento e de como o mesmo nos afeta.

A Bíblia caracteriza este nosso inimigo como, “um leão que ruge procurando a quem possa devorar”.

Tenho a convicção de que, ao longo da história, ele teve tempo amplamente suficiente para analisar a área técnica e musical **que já conhecia muito bem**, e estrategicamente minar nossos conceitos culturais, práticos e, inclusive, de apreciação da função da música, reduzindo a distinção entre exibições ou shows musicais e o serviço musical no culto cristão.

Além disso, me parece que ele teve sua influência em fazer com que os conceitos acústicos caíssem em desconhecimento e que na igreja na sociedade pós-moderna, a área técnica não receba a prioridade que é necessária para que os serviços técnicos ocorram de forma transparente.

Em suma, parece que ele conseguiu tornar esses elementos, com os quais imaginamos estar cultuando a Deus e proclamando a sua mensagem, em ferramentas que agem a seu favor com sucesso, domingo a domingo, em cultos evangélicos à volta ao mundo – dos quais participamos inocentemente alheios ao que ocorre neste sentido.

Creio que na maioria dos casos este problema não proceda exclusivamente de músicos ou operadores de som que ajam de má fé ou de modo egoísta, mas, sim, que este assunto é suficientemente complexo – e tem sido de tal forma permeado pelo inimigo e seus súditos ao longo dos séculos – de modo a cegar-nos fazendo com que nos apeguemos às tradições e inverdades comuns neste campo sem percebermos o efeito destas práticas.

Exemplifico a afirmação acima com um fato do campo da acústica:

Na época que suas civilizações dominavam o mundo, os egípcios, gregos e romanos construíram estruturas nas quais incorporaram princípios acústicos de um nível que hoje não vemos empregados na maioria dos nossos salões de culto.

Ao longo dos últimos milhares de anos, entre outras tantas ciências, o conhecimento de conceitos da medicina, da agricultura e da engenharia evoluíram expressivamente, porém, para a população geral, o conhecimento de conceitos acústicos não apenas deixou de se difundir, como, aparentemente, ficou esquecido – especialmente por parte de nós evangélicos que, ironicamente, declaramos que a aceitação da nossa mensagem que tem o potencial de mudar o destino eterno das pessoas, vem pelo ouvir da Palavra e, para tanto, presume-se a **compreensão** da mesma!

O inimigo teve dois mil anos para elaborar suas estratégias e treinar seus auxiliares para fazerem com que o espaço que abrimos em nosso culto fosse por eles aproveitado no cumprimento bem sucedido da sua pauta. Consideremos, rapidamente, o processo atual de incorporação dos elementos musicais e técnicos que acabam determinando o atual “estado da arte” dos nossos períodos de louvor.

Primeiramente olhemos para os nossos “levitas” aqueles cuja função é servir a congregação com seus talentos e dons musicais. O processo natural é que aqueles entre nós que percebem ter habilidade musical procurem desenvolvê-la estudando determinado instrumento, assimilando, portanto, os conceitos e técnicas de professores que, se forem evangélicos, possivelmente herdaram muito da sua bagagem de músicos não cristãos. Observe-se, então, o potencial de que o alicerce tenha começado torto desde o início e que, mudando de analogia, suas raízes, crescerão tortas por todos os não poucos anos que um músico estuda no seu processo de aprendizado.

O resultado disto é que conceitos de shows, bailes e outras apresentações musicais, nos quais a comunicação de uma mensagem falada inexistente, ou, se existe, recebe prioridade bem inferior à que deve ser atribuída à mensagem do Evangelho em nossos cultos, acabam sendo aceitos e assimilados juntamente com as técnicas musicais.

Me preocupa bastante o fato de que o cuidado com a transparência que devemos ter para que os equipamentos técnicos não interfiram no espaço de adoração a Deus, parece não ter o seu paralelo entre os músicos onde, ao invés de sua habilidade ser empregada para servirem de instrumentos **transparentes** no período de louvor corporativo, vemos um número cada vez maior de músicos e arranjos que parecem estar empenhados em chamar a atenção para a habilidade de quem está no palco, roubando assim a atenção devida unicamente a Deus neste momento.

As influências seculares impactam também os jovens que desejam servir na sonorização do culto, pois acabam observando e copiando exemplos de shows e outras apresentações do mundo - isto sem mencionar as errôneas teorias popularizadas pelo “folclore acústico” em cima das quais tantas igrejas desperdiçam recursos.

Um exemplo das conseqüências disto , é que nos chegam relatos de países tão distantes quanto a Cingapura, demonstrando o fato de que a maioria das igrejas que buscam uma modernização dos seus instrumentos e sistemas de som, para se comunicarem com a sociedade contemporânea, se encontra envolvida com algum estágio de atrito ou desentendimento devido ao excesso de nível de pressão sonora (volume) no som de palco – e para resolver esta situação, não adianta apenas um dos lados envolvidos na questão compreender o que se passa.

Dentro de um ambiente de culto, salvo para igrejas com salões de dimensões que comportem alguns milhares de pessoas, os monitores de palco **não podem** proporcionar o peso e todos os elementos do mix para os músicos sem **prejudicar a qualidade do som** para aqueles a quem os músicos deveriam estar **servindo**. Portanto, para que o som não fique embolado com os sons graves que se propagam em todas as direções a partir das caixas de retorno, estas devem trabalhar no menor volume possível, desde que o músico não perca a sua referência. Felizmente os sistemas de retornos por fones de ouvido têm auxiliado em muito na resolução desse problema.

Outra característica que parece resultar dessa bem elaborada estratégia do inimigo faz com que os músicos e técnicos tenham tipicamente perfis antagônicos e, para agravar a situação, se valem de linguagens diferentes para se expressarem a respeito das mesmas coisas. O resultado é que os técnicos, que dependem mais do cérebro esquerdo, se referem aos sons como freqüências (em Hertz), enquanto que os músicos, de

raciocínio predominante no cérebro direito, usam as notas musicais ou cifras para se referirem aos mesmos sons.

Assim, para que exista um som de qualidade em nossos cultos, é imperativo que tanto os operadores de som quanto os músicos, ou, pelo menos, os líderes destes, estejam esclarecidos quanto a estes desafios técnicos de comunicação, além dos fatores no campo espiritual.

Quando estes fatores são bem administrados, podem contribuir para que os períodos de louvor sejam fontes de bênçãos e não confusão, desde que, é claro, os sistemas que lhes dão suporte tenham sido adquiridos, instalados e ajustados em função de um projeto realizado por quem tenha experiência em sonorização no contexto de igrejas.

Neste contexto espiritual, obviamente não existe um “upgrade” de equipamentos que tornará um sistema imune às interferências, distrações e atritos no plano interpessoal.

Tendo ao longo de mais de uma década provido serviços de apoio técnico a eventos evangélicos de porte nacional, não desconheço as ações que o inimigo tem entre seu arsenal para causar problemas, distrações e, como afirmou Rick Warren, quebrar momentos santos em nossas reuniões. Porém, já sonorizei eventos extensos (com mais de uma centena de horas trabalhadas) que transcorreram sem a menor perturbação nesta área. Atribuo isto a terem sido tomadas as prescrições bíblicas cabíveis para a área espiritual, entre as quais eu destacaria as seguintes:

- Suporte em oração pela equipe técnica e os equipamentos e pela equipe de louvor com seus instrumentos
- Equipamentos confiáveis – Todos (desde os cabos até os materiais acústicos)
- Um elevado nível de preparação e organização
- Comunicação
- Espírito de servo que enxerga o bem da igreja – o corpo de Cristo – muitas vezes em detrimento do direito próprio

- Disposição de pagar o preço (do qual Deus é digno) para que a programação transcorra com a qualidade da qual a Sua mensagem é digna

- Mais oração intercessória sobre os elementos listados acima

Há cerca de uns três anos tivemos um culto tecnicamente desastroso numa manhã de domingo. Na noite anterior havia ocorrido um casamento e nem toda a cabeção havia sido voltada ao padrão.

Nosso tape deck, que na época era usado para a gravação dos sermões, tocou uma fita playback no casamento (e teve sua saída enviada à via de retorno cuja caixa, no domingo de manhã, estava a menos de 3m do microfone onidirecional do pastor...). Assim que acionei o botão de gravação ocorreu uma microfonia que quase o derrubou do palco, naturalmente quebrando todo o clima daquele momento do culto.

Ao longo do sermão, ainda travou o computador multimídia no qual estavam os Powerpoints e após sanado este problema, o projetor parou de funcionar. E no período do louvor apareceu um zumbido intermitente num dos canais de instrumentos.

Como naquela época, devido a superlotação do salão, nós repetíamos o culto da manhã à noite, para que os membros se revezassem entre estes e as classes de escola bíblica, após o culto eu e mais uns dois membros da equipe técnica passamos quarenta minutos rastreando os problemas e tomando providências para evitar que voltassem a se repetir à noite.

No culto da noite, enquanto eu mixava o louvor, ouvi repentinamente uma agitação e vi que, às minhas costas, as cadeiras estavam sendo arremessadas e empurradas numa manifestação demoníaca. Na ausência de brechas na área técnica, o inimigo mudou de estratégia produzindo suas distrações através de outro dos seus recursos.

Cabe salientar que congrego numa igreja Batista que, pela maioria dos evangélicos brasileiros, seria considerada tradicional – embora a nossa cultura e costumes certamente não sejam – e que nos doze anos que ali congrego, esta foi a única manifestação desta espécie.

Por alguma razão, naquele dia, o inimigo tinha um dos seus súditos escalado para atuar na nossa comunidade. Naquela ocasião, metade dos problemas técnicos ocorreram devido a **brechas que nós mesmos abrimos** por meio de falhas de organização e cabos necessitando de manutenção.

Falhas como estas **podem e devem** ser evitadas!

Conclusão

Não existe mágica no som. A qualidade da qual a proclamação do Evangelho é digna pode ser alcançada. Há que se tomar cuidado para não se envolver na ilusão de que “Não temos recursos para fazer bem feito”, pois a consequência deste raciocínio é que vocês acabarão fazendo errado três ou quatro vezes e desperdiçando os recursos sacrificialmente levantados pelo povo de Deus!

Volto a perguntar: Se Deus não poupou seu único Filho para que a mensagem do Evangelho existisse, seria coerente com a Sua Pessoa reter os recursos para que esta mensagem seja transmitida com a qualidade que a nossa sociedade percebe como digna para uma comunicação de tal importância?

Devido à sua complexidade, problemas de cobertura sonora não se resolvem intuitivamente, como as de iluminação, por exemplo. Se falta luz acrescem-se mais lâmpadas e pronto! Se existe uma falta de cobertura sonora o simples acréscimo de mais caixas provavelmente resultará em mais ruído ou num decréscimo de qualidade....

Para se ter segurança em adquirir sistemas de suporte técnico com a melhor qualidade que o seu orçamento permite, é essencial se procurar o projeto de um profissional experiente em igrejas e que se busque saber de quem opera estes sistemas se:

- foi ele quem implantou o projeto, caso contrário, se a aquisição dos modelos e a implantação do projeto ocorreu conforme o projetado (pois, se não foi, não vale a referência);

- se os mesmos servem com qualidade às funções para que foram adquiridas (dentro de expectativas realistas);

Um som de qualidade em sua igreja requer que se parta desde o início – de preferência antes da planta – considerando as características de culto que são importantes e como a nova edificação dará suporte aos mesmos.

A pressa ou o descaso neste processo resultarão em sacrifício para erigir mais outro salão de culto com características disfuncionais. E, lembre-se, custa pelo menos quatro vezes mais para se instalar paliativos do que fazer direito!

Portanto, não se iluda com falsa economia e envolva desde o início um profissional com experiência em suporte técnico no contexto de igrejas para que, quando chegarem no arquiteto, as idéias possam lhe ser apresentadas de forma clara e que ele entenda bem até onde poderá ir com a questão estética para não inviabilizar as funções que semanalmente se realizarão no salão de culto.

É possível, sim, fazer com que considerações técnicas e estéticas coexistam harmoniosamente num salão de culto – desde que os profissionais responsáveis por estas áreas se respeitem, e desde o início mantenham, como alvo prioritário, a funcionalidade final do salão. Meu intuito é que as idéias, princípios e experiências aqui registrados informem e sensibilizem o povo de Deus para que haja investimento esclarecido e responsável nesta área e para que a equipe técnica, devidamente suportada por sua liderança, possa empregar seus dons de forma mais efetiva, cooperando para que o corpo de Cristo experimente cultos com maior qualidade técnica, minimizando as falhas com seu potencial de distrações e realizando de forma mais eficaz a tarefa de propagar o Evangelho para “**por todos os meios (de comunicação) chegar a salvar alguns**” com a qualidade da qual esta Mensagem Divina é digna.

Referências Bibliográficas:

- ARC: Almeida Revista e Corrigida
- ARA: Almeida Revista e Atualizada
- NVI: A Nova Versão Internacional

Autor



Fazendo som no meio cristão há 25 anos, no Brasil e EUA, David conhece os desafios que envolvem o som desde igrejas pequenas, com frequência inferior a 50 membros, até eventos com 4000 pessoas em ginásios de esportes. David, é consultor associado à Audio Engineering Society, à Syn-Aud-Con, ao Núcleo Brasileiro de Técnicos Cristãos, e projeta sistemas de som e acústica, sonoriza eventos e tem ministrado workshops e palestras para centenas de operadores de som e músicos.

Maiores informações: **www.proclaim.com.br**